

TARDE COR DE AMEIXA

Paloma da Silva Oliveira¹
paloma-oliveirasilva@hotmail.com

Ela abandonou as cartas de baralho...
deixou na mesa de jogo um colarzinho de pedras vermelhas
que era da sua bisavó
e seguiu no trem sem olhar pra trás.
Neste dia, o céu foi meu amigo: choramos juntos.
O nublado da tarde combinava com o mistério
dentro daquele olhar frio
(olhar de peixe morto).
Ela não era a pessoa mais amável do mundo,
nem a mais simpática,
muito menos a mais delicada...
Tinha uma beleza exótica
gostava de roupas brancas, e, perfeccionista ao extremo,
usava sempre meias longas e esquisitas de cores azuis e verdes.
E o sorriso dela?
Bom... Tinha um sorriso enigmático como o da rainha das cartas.
Era um tanto e meio estranho, um tanto e meio psicopata,
eu não sabia se gostava ou se odiava.
Nunca mais joguei baralho.
Nenhum jogador era tão esquisito e adorável
como aquela estranha de meias horríveis.
Deixou águas, símbolos e cores em mim.

¹ Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Departamento de Letras Vernáculas, Campus de Pau dos Ferros, RN.